

A LEVEZA DA PRIMAVERA DE 1968. A PRIMAVERA DE PRAGA ATRAVÉS DO OLHAR DE MILAN KUNDERA

Giorgia Cecchinato
Universidade Federal de Minas Gerais
giorgia.cecchinato@gmail.com

RESUMO *O artigo visa ilustrar algumas das características principais do momento histórico denominado Primavera de Praga e as suas afinidades com o outro movimento que marcou a história da Europa e do mundo, a saber o Maio de 68. As vidas dos protagonistas da novela A insustentável leveza do ser, do romancista tcheco Milan Kundera, vai servir de acesso privilegiado para entender a importância da Primavera de Praga e da sua repressão, não apenas do ponto de vista histórico, mas também individual.*

Palavras chaves *Primavera de Praga, Milan Kundera, romance.*

ABSTRACT *The article aims to illustrate some of the main characteristics of the historical moment called “Prague Spring”, and to explain its affinities with the other movement that marked the history of Europe and the world, namely May '68. The lives of the protagonists of the romance The unbearable lightness of being of the Czech novelist Milan Kundera will serve as a privileged access to understand the importance of the Prague Spring and its repression, not only from the historical point of view, but also individually.*

Keywords *Prague Spring, Milan Kundera, romance.*

Leve e pesado, história e romance

O romance *A insustentável leveza do ser* começa com esta questão:

O eterno retorno é uma ideia misteriosa e, com ela, Nietzsche pôs muitos filósofos em dificuldade: pensar que um dia tudo vai se repetir como foi vivido e que tal repetição ainda vai se repetir indefinidamente! O que significa esse mito insensato? O mito do eterno retorno afirma, por negação, que a vida que desaparece de uma vez por todas, que não volta mais, é semelhante a uma sombra, não tem peso, está morta por antecipação, e por mais atroz, mais bela, mais esplêndida que seja, essa atrocidade, essa beleza, esse esplendor não têm o menor sentido. [...] Se o eterno retorno é o fardo mais pesado, então, sobre tal pano de fundo, as nossas vidas podem recortar-se em toda a sua esplêndida leveza.

Mas, na verdade, será o peso atroz e a leveza bela? [...]

Que escolher, então? O peso ou a leveza?

Foi a questão com que debateu Parmênides, no século VI antes de Cristo. Para ele, o universo estava dividido em pares de contrários: luz-sombra; espesso-fino; quente-frio; não-ser e ser. Considerava que um dos pólos da contradição era positivo (o claro, o quente, o fino, o ser) e o outro, negativo. Esta divisão em pólos positivos e negativos pode parecer de uma facilidade pueril. Exceto num caso: o que é positivo: o peso ou a leveza?

Parmênides respondia que o leve é positivo e o pesado, negativo. Tinha razão ou não? O problema é esse. Mas uma coisa é certa: a contradição pesado-leve é a mais misteriosa e ambígua de todas as contradições. (Kundera, M., 2017, p. 9-10)

A história de amor dos principais protagonistas do livro, Tomas e Tereza, que é lida a partir dessa contraposição entre leveza e peso, nasce e se desenvolve em Praga entre a leveza da Primavera de 1968 e o peso da invasão russa em agosto do mesmo ano e os seguintes anos da “normalização” soviética. *A Insustentável leveza do ser* foi escrito em 1982 e publicado na França em 1984. Kundera já tinha emigrado há nove anos para a França e apenas em 2006 o livro foi publicado em tcheco, no país de origem do autor. Mesmo tendo os acontecimentos de 1968 tanta importância no enredo, segundo Kundera não se trata de uma novela histórica, pois o romance não tem a tarefa de ilustrar de maneira peculiar informações de outros saberes, mas dizer o que apenas o romance pode dizer. Isto significa, em relação aos eventos históricos, que esses serão levados em consideração apenas pelo fato de criarem para os personagens uma situação existencial e, além disso, a própria história deve ser analisada em si mesma como existencial¹. Os fatos históricos de 1968, que constituem a existência dos personagens, são considerados então também existencialmente, segundo a chave de interpretação do texto, como algo leve ou pesado.

1 O próprio Kundera expôs a própria teoria do romance em KUNDERA, M. 2016.

Nos parágrafos a seguir introduziremos a Primavera de Praga e a repressão soviética. Iremos ver como esses fatos tiveram um peso existencial nas vidas de Tomas e Tereza, personagens da *Insustentável leveza do ser*. Se é verdade, como afirmou Aristóteles, que a arte é mais universal e mais verídica do que a história, a obra de Kundera vai nos servir para entender o impacto da história na existência dos indivíduos. Por último, para entender melhor esse fenômeno histórico iremos confrontar a Primavera de Praga com Maio de 68 e individuaremos analogias e diferenças.

A leveza da Primavera e o peso da invasão soviética

A eleição de Alexandre Dubček como primeiro secretário do PCCh (Partido comunista Tcheco) no lugar do estalinista Antonin Novotný inaugurou aquele período de reformas e democratização do regime socialista que é conhecido como “Primavera de Praga”. Tratou-se de um movimento político que foi preparado por um fermento intelectual na inteira década de ’60, e teve um incrível apoio popular até depois da sanguinária repressão soviética².

O estalinismo, que caracterizou a política da década de ‘50, a censura e a repressão de várias formas de expressão artística e literária atingiu as vozes mais originais da literatura tcheca. A explosão criativa da década seguinte pode ser interpretada como uma reação a um período de repressão e estagnação. Em junho de 1967 teve início o Congresso da União dos Escritores. Foi um jovem romancista, praticamente desconhecido fora das fronteiras de seu país, que mostrou sua preocupação a respeito das “pequenas nações” da Europa Central, sempre expostas ao perigo de serem anexadas ou subjugadas por potências maiores (a alusão é aos nazistas e aos russos). A tônica do discurso foi a necessidade do diálogo entre países e a liberdade de expressão. O romancista foi ovacionado e os oradores que falaram depois mantiveram o mesmo enfoque³. As autoridades não conseguiam conter a efervescência cultural e intelectual que queria acabar com toda e qualquer autoridade. Esse foi o “prelúdio da Primavera” (LINS RIBEIRO G., 2009) de Praga e o romancista que tomou a palavra primeiro era o próprio Milan Kundera.

O poder central tcheco, orientado pela União Soviética, aumentou a repressão, mas a revolta que teve origem nos círculos intelectuais e movimentou todas as esferas da sociedade civil permitiu a eleição do reformista Dubček. Vale lembrar que o objetivo das reformas que foram implementadas por Dubček

2 Sobre as raízes da Primavera de Praga nos movimento intelectuais da década de 60 veja CATALANO, A., 2011, em particular as páginas 35-40.

3 Veja sobre isso (LINS RIBEIRO G. 2009).

não era o fim do socialismo, mas, sim, a introdução de um socialismo “com face humana”, entendendo com isso mais liberdade de palavra, expressão e pensamento, mais abertura ao ocidente e respeito às tradições e às peculiaridades dos povos tchecos e eslovacos frente à uniformização soviética. Nunca foram colocados em questão, pelo menos pelas autoridades tchecas, o partido único e a fidelidade ao Pacto de Varsóvia.

Enquanto o governo avançava nas reformas e tentava dialogar, sem muito êxito, com Moscou e com os países do Pacto, difundiu-se na população um senso de esperança e de euforia. O momento mais significativo dessa época de renovação foi o das celebrações do Primeiro de Maio: pela primeira vez em um país da esfera soviética a marcha não foi conduzida ordenadamente pelo exército, mas foram os cidadãos, que chegaram espontaneamente com cartazes improvisados, com *slogans* irônicos, críticos e às vezes divertidos. Os sorrisos e a alegria daquele momento são documentados pela televisão tcheca, o país inteiro estava despertando e apoiava as reformas e pedia mais: mais liberdade, mais autonomia⁴.

Tomas refletia sobre as circunstâncias que o levaram a se apaixonar por Tereza, por um lado o amor deles é o fruto de uma série de coincidências: o chefe do serviço onde Tomas trabalhava fora chamado de urgência para atender a um surto muito grave de meningite no hospital da cidade de Tereza. Porém este estava com ciática e, como não se podia mexer, Tomas fora em seu lugar a esse hospital de província. Havia cinco hotéis na cidade, mas, por acaso, Tomas instalara-se no hotel onde Tereza trabalhava. Por acaso, também, tinha algum tempo livre antes de voltar e resolveu sentar-se na cervejaria. Tereza estava, por acaso, de serviço e, por acaso, estava de serviço à mesa de Tomas. Fora portanto necessário toda uma série de seis acasos para fazer chegar Tomas até Tereza, por isso o amor deles pode aparecer totalmente aleatório, leve, sem peso nem necessidade; porém todo romance é feito para nos mostrar que nada é tão simples como parece. As modalidades com que Tereza entregou a ele a própria vida, e a responsabilidade que ele sentia por esse ser que simplesmente apareceu um dia e pediu os seus cuidados e as suas curas, lembravam-lhe aquelas histórias mitológicas de crianças abandonadas em cestas e deixadas na corrente: Moisés, Édipo. Repensando o mito de Édipo, por causa de Tereza, começou a se perguntar se os tchecos que apoiavam os russos na década de '50, os que apoiaram o estalinismo, sabiam que o regime estalinista teria deportado,

4 Veja a projeção do documentário *Praga 1968. L'impossibile primavera*, com imagens do repertório da Televisão Tcheca, com Vaclav Havel, e a manifestação de Primeiro de Maio de 1968. Introdução de Walter Ottolenghi e Ruzena Ruzochova, em: <https://www.youtube.com/watch?v=4b_AejqxXXk&t=2048s> Acessado em 17/02/2020.

reprimido e censurado e se perguntava em que medida eles seriam responsáveis. No clima de liberdade e distensão da Primavera de Praga, Tomas um dia passou para o papel as suas reflexões sobre Édipo e mandou-as para o jornal da União dos escritores Tchechos. Ele ignorava que alguns meses depois esse artigo ia condená-lo a deixar o amado trabalho de cirurgião e se tornar um limpador de janelas.

Depois da leveza da primavera, chegaram a dureza do verão e a violência do outono: em junho uma exercício militar soviético em território tcheco preparou a invasão que aconteceu na noite entre os dias 20 e 21 de agosto. Tropas polonesas, húngaras, alemãs do leste ultrapassaram os confins da Tchecoslováquia e em todos os aeroportos do país desembarcaram aviões militares que carregaram tanques. Na madrugada do dia 21 de agosto as ruas e as praças de Praga se encheram de tanques soviéticos. Na manhã do mesmo dia Dubček e as principais autoridades do partido comunista tcheco foram presos e levados a Moscou. Os cidadãos de Praga estavam incrédulos e atordoados, afinal de contas os invasores eram os mesmos russos que poucos anos antes os liberaram do inimigo nazista. Logo se manifestaram pacificamente nas ruas e nas praças, resistiram com o entusiasmo e coragem, tentaram conversar com os soldados soviéticos para convencê-los que aquilo era um absurdo, que estavam invadindo um país amigo. Segundo Kundera o romance deve contar acontecimentos que a historiografia esqueceu, um dos mais significativos é a provocação das jovens mulheres tchecas contra os soldados, os infelizes soldados russos em abstinência sexual: elas beijavam, sob os seus narizes, o primeiro desconhecido que passasse.

Era um atentado ao pudor dos soldados russos forçados há vários anos à abstinência sexual. Em Praga, deviam julgar que estavam num planeta inventado por um romancista de ficção científica, um planeta povoado de mulheres incrivelmente elegantes a exibirem o seu desprezo do alto de pernas tão longas e esculturais como há cinco ou seis séculos a Rússia inteira não vira. (Kundera, M., 2017, p. 210)

Na ficção literária esse e outros acontecimentos da invasão são fotografados por Tereza, que, naqueles dias de atordoamento, transformados rapidamente em conflito aberto, circulando pelas vias da cidade e fotografando, sente-se finalmente leve e não pensa nos adultérios de Tomas.

Mas a euforia geral só durara os sete primeiros dias de ocupação. Kundera define esse período como a “exaltante festa do ódio” (KUNDERA M., 2017, p. 117), e “ódio aos russos”, que sequestraram e mantiveram presos por uma semana Dubček e outros reformistas, representantes do partido comunista, como se fossem criminosos, “era inebriante como o vinho” (KUNDERA M., 2017, p. 117). Numa semana morreram 3.000 tchecos e foram feridos mais de

80.000. Nos hospitais cheios os cidadãos faziam fila para doar o sangue para os feridos.

No dia 27 de agosto os russos liberaram Dubček e os outros homens de Estado Tchechos. Dubček pronunciou um discurso na rádio tcheca no qual convidava os compatriotas a não provocarem nem cederem às provocações, a manterem a calma, pois “não há outra coisa para fazer”.

“Desde que Dubček voltou, tudo mudou” (KUNDERA M., 2017, p. 170), diz Tereza a Tomas. Acabou a Primavera de Praga e acabou a festa do ódio, “não há festa que dure eternamente” (KUNDERA M., 2017, p. 117). Segundo as palavras de Kundera:

os russos tinham forçado os representantes do povo checo, sequestrados, a assinar um compromisso com Moscou. Dubček voltou para Praga com esse compromisso e fez um discurso pela rádio. Os seis dias de cárcere tinham-no diminuído a tal ponto que mal podia falar: gaguejava e parava para tentar tomar fôlego, fazendo pausas intermináveis de quase meio minuto no meio das frases.

O compromisso salvou o país do pior: das execuções e das deportações em massa para a Sibéria, que todos receavam. Uma coisa, porém, se tornou imediatamente clara: a Boêmia tinha de baixar-se perante o conquistador. Daí em diante, e para todo o sempre, ia gaguejar, tartamudear, parar para tentar tomar fôlego como Alexandre Dubček. A festa acabara. Passava-se à banalidade da humilhação.

Tereza explicava tudo isto a Tomas e Tomas sabia que era verdade. (Kundera, M., 2017, p. 170-171)

Aqui fica claro como a história não é apenas pano de fundo para as existências humanas, mas ela mesma torna-se uma situação existencial: Dubček, depois de ter sido deportado, talvez torturado, preso e constrangido a negociar com Brejnev, voltou para a cidade Tcheca. Pronunciando o discurso na rádio, quase não consegue falar, nem respirar. As longas pausas pelas quais ele pede desculpa no começo do discurso, esperando que os tchecos entendam o que as provoca, são longas e penosas. Duas horas depois os técnicos da rádio cortaram essas pausas, pois revela fraqueza e assim tal episódio foi esquecido. O que está em jogo aqui não é a fraqueza particular de Dubček, mas a fraqueza como categoria existencial. “Mesmo com um corpo de atleta como Dubček, somos sempre fracos quando confrontados com uma força superior” (KUNDERA M., 2017, p. 181). Tereza não pode suportar a fraqueza repugnante e humilhante e decide emigrar, fugir com Tomas para Suíça. Porém, frente às contínuas infidelidades do marido em Zurique, repensou em Dubček e sentiu uma espécie de solidariedade para com ele.

Compreendia que fazia parte dos fracos, do campo dos fracos, do país dos fracos e que lhes devia fidelidade precisamente por serem fracos e tentarem tomar fôlego no meio das frases. Sentia-se atraída por essa fraqueza como se tivesse vertigens (Kundera, M., 2017, p. 181).

Quem tem vertigens cai, é atraído pela queda, cai como algo pesado, e Tereza quis cair, abandona Tomas e volta para Praga.

O peso da fraqueza e o peso do amor levam Tomas e Tereza de volta a Praga onde eles vivem mais alguns anos sob a opressão da censura, da vigilância e da violência. A leveza da Primavera e a série de acasos que resultaram no amor tiveram afinal consequências pesadas. Talvez a leveza tenha sido insustentável porque o amor é mais pesado do que se pensa, talvez o peso do amor não seja afinal tão pesado: “O espírito do romance é o espírito de complexidade. Cada romance diz ao leitor: As coisas são mais complicadas do que você pensa”. (KUNDERA M., 2016, p. 26)

A leveza de Paris e a leveza de Praga

Para quem observa os filmes e os documentários sobre Maio de ‘68 e sobre a Primavera de Praga, o elemento mais evidente e imediato de comparação é a euforia. Rostos na sua maioria jovens e felizes que marcham juntos e ocupam os espaços da cidade: as praças e as ruas. Talvez seja justamente a aparente leveza o caráter em comum entre os dois eventos históricos, apesar da violência e de episódios tensos de guerrilha urbana.

Tanto Maio de ‘68 e a Primavera de Praga pareciam se mover em paralelo, mas de fato dirigiram-se para direções opostas: a França havia se recuperado da Segunda Guerra Mundial e vivido anos de prosperidade econômica acompanhada de tensões sociais. Foi sobretudo a infeliz reforma educacional que abriu o caminho para os protestos estudantis, pilotados pela esquerda. Os protestos culminaram entre maio e junho na Sorbonne e também envolveram o mundo dos trabalhadores. Houve semanas de guerrilha urbana, que se seguiram de greves, crises políticas e mudanças no governo.

A Tchecoslováquia, na década de 1960, era um país que emergia da sombria fase stalinista: aqui também o padrão de vida estava se estabilizando e, segundo o poeta e dramaturgo Václav Havel, era governado por um regime “nascido no terreno do encontro histórico entre ditadura e civilização do consumidor” (citado por BONAUGURO, A., 2018).

No entanto, do ponto de vista cultural, enquanto o Maio francês queria a revolução com base em um projeto político, a Primavera de Praga indicou o caminho oposto. Segundo Milan Kundera: “Maio de 68 – questionou o que chamamos de cultura europeia e seus valores tradicionais. Pelo contrário, a Primavera de Praga foi a apaixonada defesa da tradição cultural europeia no sentido mais amplo e abrangente do termo (defesa do cristianismo e da arte moderna, proibida pelo regime)”. (KUNDERA, M., 2013, p. 34) Segundo o

romancista, enquanto o mês de maio francês foi caracterizado por um “lirismo revolucionário” radical e violento justamente por ser ideológico, o que preparou a primavera ao longo de muitos anos resultou em uma revolta popular moderada. (KUNDERA, M., 2013, p. 34)

A linguagem de protesto usado pelos jovens da Europa Oriental também era diferente de seus pares na Europa Ocidental. Enquanto os estudantes parisienses olhavam para Praga com suspeita, os tchecoslovacos só podiam sorrir para as ilusões que pareciam inacreditáveis, ridículas ou, pior ainda, perigosas.

Quando Rudi Dutschke, o líder estudantil de Berlim, foi convidado para uma reunião sobre o diálogo entre católicos e marxistas, organizado em Praga em abril de 1968, ele não impressionou os colegas locais. Na revista *Student* podemos ler um comentário da reunião: “Dutschke tem um vocabulário político-econômico bem articulado e refinado. Ele usa continuamente conceitos como: produção, reprodução, manipulação, repressão, transformação, obstrução, circulação, integração, contra-revolução [...]. Como palestrante, ele é certamente excelente, seu discurso é claro e bem estruturado, mas foi precisamente sua racionalidade elevada à utopia que nos deixou uma sensação de opressão”. (Citado por BONAUGURO, A., 2018)

Dez anos depois, pouco antes de morrer, Dutschke reconheceu: “Acho que o jogo em 68 não foi jogado em Paris, mas em Praga. Mas então não conseguimos entender”. (Citado por BONAUGURO, A., 2018)

O ex-presidente do Senado Tcheco Petr Pithart, reformista comunista, afirmou, confrontando o que aconteceu nas universidades da Europa Ocidental com o que aconteceu em Tchecoslováquia, que se tratou de dois fenômenos substancialmente diferentes. O denominador comum era uma espécie de sentimento de esperança [...].

Os jovens de Praga tinham ideias diferentes das dos estudantes ocidentais com relação ao que seria uma “sociedade boa”. Os franceses lutaram contra tudo: contra o *establishment*, a democracia parlamentar, os partidos políticos. Os estudantes de Praga, queriam isso tudo! Nunca acreditaram que a democracia ocidental estivesse exausta⁵. Então, quando líderes estudantis de Paris ou da Alemanha foram até Praga, não foi possível encontrar uma linguagem comum: eles tendiam para a esquerda, acenavam com os folhetos de Mao, até mesmo – pelo menos no começo – pareciam apoiar Pol Pot; nesse sentido, os manifestantes de Praga poderiam ser tomados como tendencialmente posicionados “à direita”.

5 Também Konstant Gebert aponta para a desconfiança entre os revolucionários de Paris e os reformistas de Praga. Veja Konstant, G., 2011, p 190.

Eles queriam retornar aos valores iluministas da democracia parlamentar. Sempre segundo Pithart, aos olhos dos protagonistas da Primavera de Praga, os pares da Europa Ocidental pareciam irresponsáveis, tanto que a revolta de Paris pareceu um luxo para crianças mimadas que não percebem o que podem perder. No entanto, há algo de fundamentalmente comum entre os dois movimentos que representa o momento histórico transformador pelo qual passou a sociedade ocidental na segunda metade do século passado⁶.

Apesar das diferenças de contexto, das premissas históricas e dos êxitos, podemos afirmar que as duas primaveras, a de Praga e a parisiense procuraram, talvez em diferentes sentidos, a insustentável leveza da liberdade.

Referências

BONAUGURO, Angelo. “I cinquant’anni della Primavera di Praga, l’altro ’68”. Artigo publicado em 28/01/2018, in: <<https://www.tempi.it/blog/i-cinquantanni-della-primavera-di-praga-laltro-68/>>, acessado em 17/02/2020.

CATALANO, A. “All’ombra della primavera. La letteratura ceca nel 1968”. In: CACCAMO, Francesco, HELAN Pavel, TRIA Massimo. “Primavera di Praga, risveglio europeo”. Firenze: Firenze University Press, 2011, pp. 35-50.

GEBERT, Konstant. “Un secolo in dieci giorni. Dieci eventi cruciali del novecento europeo”. Milano: Feltrinelli, 2011.

KUNDERA, Milan. “A insustentável leveza do ser”. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. “A arte do romance”. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. 1ª ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

_____. “Um encontro”. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. 1ª ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

LINS RIBEIRO, Gustavo. “A primavera de Kundera”. In: <<https://diplomatie.org.br/a-primavera-de-kundera/>>, 5 de Abril de 2009. Último acesso em 17/02/2020.

SCHWARZ, Daniel R.. “Milan Kundera’s *The Unbearable Lightness of Being* (1984): History as Fate”. In: SCHWARZ, Daniel R. “Reading the Modern European Novel since 1900”. Oxford: John Willey & Son Ltd., 2018.

6 A entrevista a Pithart está publicada em BONAUGURO, A., 2018.